



# Apresentação do dossiê: Artes: apreensão do cotidiano e possibilidades teórico-metodológicas

## Dossier presentation:

## Arts: apprehension of everyday life and theoretical-methodological possibilities

Carolina Melo<sup>1</sup>

Diego Ramon Souza Pereira<sup>2</sup>

Hérvickton Nascimento<sup>3</sup>

Rafael Marino<sup>4</sup>

Este é exatamente o momento em que os artistas vão trabalhar. Não há tempo para o desespero, não há lugar para autopiedade, não há necessidade de silêncio, não há espaço para o medo. Falamos, escrevemos, fazemos linguagem. É assim que as civilizações se curam. Sei que o mundo está machucado e sangrando e, embora seja importante não ignorar sua dor, também é fundamental se recusar a sucumbir à malevolência. Como o fracasso, o caos contém informações que podem levar ao conhecimento – até mesmo à sabedoria. Como a arte (MORRISON, 2015, s/p, tradução nossa).

Historicamente, diferentes manifestações artísticas foram utilizadas como pistas de entendimento do mundo através, principalmente, da subjetividade de sujeitos históricos. E em diversos contextos, as artes foram usadas ora para tensionar e criticar representações e identidades impostas ora para corroborar e legitimá-las. O próprio significado do que é arte ou não

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar), bolsista CNPq. São Paulo (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4644-3918>. E-mail: melo.n.carolina@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). Docente da Rede Estadual da Bahia desde 2013. Docente substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desde 2018. Porto Seguro (BA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1912-6415>. E-mail: drspereira@uneb.br.

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Eunápolis (BA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6407-2885>. E-mail: hinascimento@uneb.br.

<sup>4</sup> Doutorando e mestre em Ciência Política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DCP/ FFLCH-USP). É técnico de programação cultural no SESC-SP (Belenzinho). São Paulo (SP) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2659-6434>. E-mail: rafael.marino50@gmail.com.



é constantemente tensionado a partir de questões sócio-culturais vigentes.

Diante disso, questões relacionadas à arte nos possibilitam um olhar atento mas, antes, sensível, às complexidades das vidas e formas de ser e estar no mundo. É a partir dela que podemos observar os processos pelos quais os significados são produzidos, (com)partilhados e (re)significados entre os sujeitos de uma sociedade, grupo, comunidade, ou seja, membros de cultura.

A arte é produto e produtora de sentidos e permite cultivar noções plurais de identidades, sobre quem somos e quem queremos ou poderemos ser. Já que dotada de sentido, pode ser utilizada para organizar e regular nossas práticas e condutas. A arte é um fenômeno que informa (re)apresentações de identidades (HALL, 2016) e suas consequências materiais em seus variados contextos históricos, culturais e políticos.

Além de objeto, resultado de diferentes processos imbricados, as artes podem ser fontes ricas e auxiliar metodologicamente nossas pesquisas, interseccionando-a com outras fontes: como diários, notas etnográficas, relatos de vida, entrevistas, entre outras técnicas de geração de dados, portanto a arte também pode ser usada como um recurso metodológico (BAUER; GASKELL, 2002).

Desta maneira, no **Dossiê Artes: apreensão do cotidiano e possibilidades teórico-metodológicas** visamos agregar discussões sobre as “complexidades artísticas”, suas adaptações, utilizações e apropriações pelos diferentes grupos e comunidades, tanto no plano local, quanto global, e, também, seu caráter contraditório que perpassa e se informa pelas relações de raça, gênero, sexualidades e classe, ora como resistência e insubordinação, ora como hegemônica e excludente (DU GAY; HALL, 1997).

No artigo **Etnografia e teatro contemporâneo - metodologias atravessadas**, Mendonza reflete sobre os tensos e potentes imbricamentos entre metodologias do fazer etnográfico e da produção teatral contemporânea. Porém, longe de uma reflexão abstrata, Mendonza elabora uma análise situada e concreta da experiência artística da Cia. Mungunzá no complexo território da Luz, localizado no centro de São Paulo. O ponto de arrimo para tal análise é a peça Epidemia Prata (2018), na qual os integrantes da companhia refletem esteticamente sobre questões como reconhecimento e alteridade não só da/na Cracolândia, mas também da ocupação artística naquela territorialidade. Ao fim, a sugestão é que as ciências sociais, cada vez mais, possam se apropriar, no seu fazer, da atenção sensível presente nas artes.

Em **Imbricações entre espaços recifenses e desejo homoerótico masculino nos diários de Túlio Carella**, Soares, partindo de uma análise atenta das narrativas íntimas e autobiográficas de Túlio Carella em sua obra Orgia: os diários de Tulio Carella, tentou explicitar e expor as relações entre território o território recifense e as práticas homoeróticas do autor. Para isso, o pivô de sua pesquisa é a própria noção de orgia desenvolvida por Carella, que é dissecada por Soares via análise densa de seu conteúdo. À vista disto,



o pesquisador ressalta o lugar decisivo da territorialidade para confecção e possibilidade de relações sociais e de desejo.

No **Crítica ao jazz de Theodor W. Adorno à luz da história: de qual música estamos falando?**, Estevez procura localizar histórica e socialmente, de forma crítica, os ensaios e as críticas de Adorno a respeito do Jazz. Para tal, o pesquisador lança mão de uma reconstrução detalhada da cena musical na República de Weimar, mostrando, no fim das contas, que o marxista alemão direcionava seus ensaios críticos a uma figuração específica do jazz - cujo fundamento era sua manifestação enquanto entretenimento neutralizado. Deste modo, a proposição de Esteves é de que as críticas adornianas ao jazz devem ser entendidas em sua posição na indústria cultural e não como uma condenação a-histórica do jazz como forma musical particular.

No artigo **Artes musicais indígenas africanas em sala de aula: contribuição de Meki Nzewi**, Bessa elabora, a partir do pensamento do pedagogo musical nigeriano Meki Nzewi e o conceito de artes musicais indígenas africanas, propostas pedagógico-críticas de metodologias no ensino de música na educação básica. A partir de uma análise a respeito dos possíveis encontros entre o sentido da música nas sociedades africanas e os fundamentos do ensino de música em espaços escolares, Bessa tece críticas ao eurocentrismo musical no ensino e a necessidade de trabalharmos e reelaborarmos formas de atuação docente centradas no legado africano da sociedade brasileira.

Em **Ciência e arte, sociologia e estética - os ensaios de Simmel sobre a arte**, Santos pretende apresentar como Simmel desenvolveu a noção de que a sociologia, pela sua relação com as formas e com a estética, poderia ser aproximada do fazer artístico. Para tal, Santos expõe em detalhe momentos decisivos da sociologia da arte do ensaísta alemão - feito seus ensaios a respeito de Michelangelo, Rodin e Rembrandt. As conclusões do artigo, entretanto, não apontam apenas para a identificação de arcabouço sociológico específico para o estudo da arte, mas também para a ideia de que, em Simmel, o ofício sociológico se confundiria com o trabalho artístico ao incorporar a criatividade poética e as tensões dos processos de socialização em sua forma.

Em **Mortos no poder: poderiam sujeitos não-humanos nos representar?**, Afonso, partindo da análise peça Necropolítica, de Marcos Barbosa (2018), em que mortos podem passar a viver em função de avanços tecnológicos, procura tirar as consequências éticas, políticas e estéticas da existência de sujeitos não-humanos que venham a ter direitos e uma cidadania. Para tal, Afonso utiliza-se de combinação de conceitos vindos de campos diferentes das ciências sociais, como representação e competência política, ativismo e movimentos sociais, e de uma análise pormenorizada da confecção teatral da obra.

Ainda contamos com a proposta inédita do **Ensaio foto-etnográfico: possibilidades outras de se fazer ciência (e entender o mundo)**, no qual



tecemos comentários sobre fotos e artes apreendidas por pesquisadora(e)s em campo.

Na seção de **Resenha**, este número conta com a produção de Ferreira, com a resenha da obra **Sociologia da Arte**, de Kadma Marques. Ainda contamos com a generosidade intelectual da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Moraes Silva em formato de **Entrevista** realizada pelo pesquisador Diego Ramon Pereira e Camila Camargo Ferreira, intitulada: **O ofício sociológico: conexões entre o labor e as artes**, que apresenta acuradas reflexões sobre o trabalho do sociológico.

Agradecemos imensamente àquela(e)s que nos enviaram seus trabalhos e nos fizeram olhar, de maneiras diferentes, as contradições e belezas de se fazer ciência, e registrá-la, em um contexto de cortes orçamentários e ataques constantes advindos do atual presidente da república e outros segmentos da sociedade. Ana Elisa Mendonza, Ananda da Luz Ferreira, Amanda Moraes, Bruna Tavares Pimentel, Darliane Silva do Amaral, Fernanda Reis, Iago Marichi Costa, Joel da Costa Marques, Leticia Ambrosio, Maiâna Roque da Silva Maia, Mariana Luciano Afonso, Marize Morena de Carvalho, Priscila Leonel, Rafael Carletti, poder se aproximar de seus trabalhos nos revigorou e nos encheu de felicidade. A ciência e a pesquisa vivem! Em relação ao ensaio vale um outro agradecimento especial à pesquisadora Marzane Souza pela generosidade intelectual, e por nos incentivar e auxiliar na feitura do dossiê. Tem muito de você em todo esse projeto.

Melhor que escrever e falar sobre arte é vivê-la. Agradecemos ao multiartista - pintor, desenhista, drag king, performer, circense - Valentim Dias que prontamente desenvolveu a capa e as artes que podem ser apreciadas ao longo desse dossiê. Eu, Carolina, agradeço particularmente pela amizade, confiança e essa oportunidade de conseguirmos trabalharmos juntas. Seus trabalhos belíssimos podem ser acompanhados nos seguintes perfis do Instagram: @valentim\_don e @valentimdays.

Créditos das imagens de Valentim Dias nesta edição:

Capa: **Elementall**, 297x210mm, 2020, técnica mista.

Página 11: **Rizomas**, 297x210mm, 2020, aquarela.

Página 139: **Globulóides**, 297x210mm, 2020, aquarela.

Página 195: **Relevos**, 297x210mm, 2020, técnica mista.

Página 207: **Microbiota**, 297x210mm, 2020, aquarela.

Página 222: **Doideraa**, 297x210mm, 2020, técnica mista.

Boa leitura!



## Referências

BAUER, M W. e GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000.

DU GAY, P.; HALL, S. et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. London: SAGE Publications, 1997.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

## Como citar esta apresentação:

MELO, Carolina; PEREIRA, Diego Ramon Souza; NASCIMENTO, Hércvickton; MARINO, Rafael. Apresentação do dossiê: Artes: apreensão do cotidiano e possibilidades teórico-metodológicas. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 10, n.1, p. 12-16, jan./jun. 2021.

**ISSN: 2238-3069**